

A FUNÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DA LEITURA NA EJA

Silvio Marciniack³⁵

RESUMO

Este artigo tem como tema a Função Político-Social da Leitura na EJA. Tem como objetivos identificar, por meio das observações de um questionário com sujeitos da EJA, que estratégias didáticas podem auxiliar no desenvolvimento da capacidade crítica dos estudantes, visando à elaboração de um programa de fomento à leitura; com mediação do professor, oferecendo aos estudantes práticas, a partir de textos de gêneros diversos, que lhes permitam ampliar e desejar ampliar seu senso crítico, em busca de cidadania plena, que inclui perceber-se como um ser político-social. Trata-se em busca de pesquisa bibliográfica, com base na análise de Discurso, segundo Orlandi e em orientações pedagógicas de Paulo Freire, visando atar a prática da leitura à vida e identidade de um sujeito em constante aperfeiçoamento. A importância desse assunto está ligada ao trabalho do pesquisador, dos colegas da escola onde ocorrem os estudos, dos professores da EJA, em geral, e dos estudantes, meta final de todo empenho de um mestre: terá como ênfase a intervenção (mediação) do professor no processo de desenvolvimento do senso crítico e da cidadania do sujeito por meio da leitura. Com certeza, essas práticas terão influência decisiva na vida do estudante, que passará a buscar mais sentido para sua vida, por meio da leitura bem refletida e dos valores culturais, que o entrosarão melhor na sociedade e na vida como cidadão, portanto como um ser político, também, não um mero eleitor, que nada cobra ou tudo espera dos eleitos.

Palavras-chave: Senso crítico. Leitura. Autonomia. Estratégias didáticas. EJA.

³⁵ Licenciatura Plena em Filosofia, pela Fundação Educacional de Brusque (FEBE); Bacharel em Teologia, pelo Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC); Especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade EJA (PROEJA), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC); professor no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), no Estado de Santa Catarina. E-mail: icope1@bol.com.br

THE POLITICAL-SOCIAL FUNCTION OF READING AT EJA

Silvio Marciniack

ABSTRACT

The theme of this study is the Political-Social Function of Reading at EJA. It aims to identify, through the analysis of a questionnaire applied to students at EJA, whether teaching strategies can help the development of students' critical capacity. It aimed at the elaboration of a program to promote reading with the mediation of the teacher, offering students reading practice, from texts of different genres, that allow them to broaden and wish to broaden their critical sense, in search of full citizenship, which includes perceiving themselves as social-political beings. It is a search for bibliographical research, based on Discourse analysis, according to Orlandi and Paulo Freire's pedagogical guidelines, aiming to link the practice of reading to the life and identity of a constantly improving subject. The importance of this theme lies on the researcher's job, and on his colleagues, who work in the school where the studies took place, as well as the EJA teachers in general, and the students, who are the ultimate goal of all the efforts of a teacher. The emphasis is on intervention (mediation) of the teacher in the process of developing the critical sense and citizenship of the subject through reading. Certainly, these practices will have a decisive influence in the life of the students, who will seek more meaning for their life, through well-reflected culture and cultural values, which will better integrate them in society and in life as citizens, therefore as political beings too, not as mere voters, who charge nothing or expect everything from the politicians.

Keywords: Critical sense. Reading. Autonomy. Teaching strategies. EJA.

1 INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita estão presentes nos mais variados contextos sociais, sendo um meio privilegiado à reflexão e ao autodidatismo. Como os alunos da EJA são jovens e adultos, profissionais em busca de aperfeiçoamento, e o curso é de curta duração, o professor precisa estar preparado para fazer o máximo para que ele venha a descobrir a importância da leitura, nesse processo contínuo de formação em sua vida. E precisa gostar de sentir que está ficando mais inteirado dos fatos, mais consciente do que ocorre no seu cotidiano. Este artigo visa à apresentação de uma pesquisa sobre o ensino da leitura para jovens e adultos que frequentam a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a fim de abrir-lhes um dos caminhos mais eficientes na construção da cidadania, o que inclui a percepção e o interesse em compreender a sociedade de que faz parte, seus direitos e deveres, bem como quanto a política, em todas as esferas, influi na sua vida e na comunidade, percebendo-se também responsável.

O assunto da leitura crítica é mais urgente e necessário para o estudante jovem ou adulto, que já tem sua leitura de mundo a partir de sua formação social e quer ter meios para ampliar sua possibilidade de crescimento como pessoa que vive em sociedade, conhecendo melhor seus direitos e deveres, entendendo um pouco mais de economia, de política, de educação de filhos e até de sua própria vida religiosa.

O professor, como mediador do processo de ensino e no processo de aprendizagem nessas classes, precisa descobrir como se dá o desenvolvimento da leitura, sendo isso possível tendo como base teórica os princípios da Análise do Discurso (AD), neste caso, de Eni Puccinelli Orlandi, e a visão pedagógica de Paulo Freire. Diante dessa questão, perguntamos: que estratégias didáticas auxiliam os sujeitos da EJA a desenvolverem sua capacidade crítica, por meio da leitura? E colocamos o objetivo geral seguinte: identificar, por meio das observações de um questionário com sujeitos da EJA, que estratégias didáticas podem auxiliar no desenvolvimento da capacidade crítica dos estudantes, visando à elaboração de um programa de fomento à leitura.

E os objetivos específicos são: identificar estratégias didáticas para a formação dos sujeitos da EJA, que auxiliem no desenvolvimento da capacidade crítica dos estudantes; e sugerir um programa de fomento à leitura, a partir da observação e entrevista realizada com a turma de segunda fase do ensino a estudantes da EJA.

Este estudo interessa sobremaneira ao professor pesquisador, para seu trabalho em classe, de forma mais incisiva e planejada; aos colegas da educação EJA, de qualquer disciplina, pois todos são professores de leitura, em um sentido mais amplo; aos próprios estudantes que sentirão firmeza de convicções e confiança no professor que age de forma coerente e organizada em suas metodologias.

Também poderão ser beneficiados os adolescentes, no nível de Ensino Médio e Fundamental, se desde novos estiverem abertos para as questões da realidade, da leitura de mundo e do investimento pessoal que obtêm com suas leituras mais acuradas.

E como desenvolver habilidades que o façam progredir nessa busca de algo mais, além do que é dado na leitura superficial, sem pensar no contexto, nem na realidade que o cerca? Como pode o professor mediador impulsionar atitudes críticas pelo leitor?

Em relação à metodologia, a investigação realizada pode ser classificada como pesquisa bibliográfica. Para Gil (2010), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado, incluindo materiais impressos e os disponibilizados em meio online. Para a realização da pesquisa, utilizamos como instrumento de coleta de dados um questionário com perguntas abertas e fechadas, o referido instrumento foi elaborado pelo pesquisador e aplicado no mês de fevereiro de 2015. A aplicação do questionário objetivou conhecimento inicial da classe, para que o pesquisador buscasse estratégias compatíveis com a turma e o período escolar em que leciona, tendo em vista que o domínio da leitura é

essencial em todas as disciplinas e precisa ser uma atitude de todos os agentes da instituição. Daí que o resultado precisa ser devidamente compartilhado entre os mestres.

Este trabalho foi realizado em uma turma de 2º ano do Ensino Médio, turma da EJA, na Unidade Escolar: Educação Básica Professor Clementino Britto, localizada em Porto União, Distrito de Santa Cruz do Timbó, no Estado de Santa Catarina.

O Colégio Estadual Professor Clementino Britto foi criado pela portaria E/017 SED, de 28/03/2000. A construção do prédio da Unidade Escolar deu-se de 1952 a 1955, no governo de Irineu Bornhausen. Tem biblioteca, uma sala de informática, secretaria, sanitários masculinos, feminino e dos professores, área coberta para lanche e recreação. Aproximadamente 45% dos alunos utilizam transporte Escolar, pois vêm de localidades vizinhas, em uma distância que varia entre 6 e 25 quilômetros. Essa escola conta com 16 professores que atuam no Ensino Fundamental e Médio, sendo 6 efetivos e 10 ACTs³⁶, 4 funcionários na área administrativa e pedagógica, 3 funcionários de serviços gerais, distribuídos em três turnos. Oferece Ensino Fundamental e Médio, com um total de 360 alunos, proporcionando-lhes, além do ensino regular, projetos como um Coral³⁷.

Esse local fica às margens do Rio Timbó, a 33 quilômetros da cidade de Porto União. Lá vivem aproximadamente 3 mil habitantes, descendentes de imigrantes africanos, ucranianos, árabes e alemães. É uma região agrícola, em geral, que também tem a produção de leite, o extrativismo da erva-mate, de areia e, de certa forma, o turismo em finais de semana, e, em tempo de campeonatos, pesca do lambari, trutas, saicangas, realizados a partir de 2000, nas temporadas de verão. Nessa ocasião as cinco pousadas ficam 100% ocupadas. Essa turma tem vinte estudantes, formadas de um público na maioria feminino, de jovens e senhoras casadas.

2 A LEITURA SOB O PONTO DE VISTA DA ANÁLISE DO DISCURSO (AD)

A Análise do Discurso é uma teoria que engloba questões como a enumeração, a ideologia, o discurso, a formação social da mente, a noção de sujeito. Ela se aplica a estudos de Filosofia, Sociologia, Antropologia, História, Psicanálise, entre outras áreas, cada uma organizando parâmetros diferentes para aplicação, não sendo, portanto, um estudo idêntico ao outro, mesmo que sobre o mesmo objeto (ORLANDI, 2010).

Para essa pensadora e estudiosa do discurso “[...] a prática da leitura, seu trabalho com a interpretação, tem a forma de seu dispositivo analítico”. Mas o dispositivo teórico fundamenta-se nos princípios gerais da AD.

Assim, podemos afirmar que, nesta pesquisa, discurso é toda manifestação linguística, todo texto verbal, visual ou misto. É outra maneira de perceber a linguagem. O discurso é visto como unidade que vai além da frase (envolve contextos diversos), que tem finalidade e para tanto é monitorado pelo enunciado. É uma forma de ação (atua-se pelo discurso, é linguagem em funcionamento), é interativo, contextualizado, assumido por um sujeito e regido por normas (as leis do discurso), como todo comportamento social.

É interpretado pelo enunciatário a partir de um sujeito de discursos afins por ele já assimilados, seus interdiscursos (MAINGUENEAU, 2000, p.52-7).

³⁶Professores Admitidos em Caráter Temporário.

³⁷Informações obtidas no Projeto Político-Pedagógico da Escola Clementino Britto. Impresso no dia 17 de março de 2015.

Na AD, segundo Orlandi (2010), a língua não é vista como um código a ser decodificado isoladamente, mas em um contexto amplo que envolve o enunciador (sujeito), o enunciado (o texto produzido); o enunciatário (sujeito com quem se realiza o discurso), o objetivo dessa enunciação e a questão dos contextos: o situacional (lugar, momento, sujeito envolvido); os contextos (textos paralelos ao focado, parágrafos capítulos que antecedem ou seguem); e os conhecimentos prévios do enunciador e do enunciatário.

Todos esses elementos influem na compreensão do enunciado, inclusive os pragmáticos, isto é, aprendidos no dia a dia, como avisos, placas, símbolos e sinais diversos.

Daí se deduz que a comunicação, seja face a face, seja por meios verbais, visuais ou outros, não é transparente, nem simétrica. A pessoa que fala ou escreve tem bagagem cultural diferente da de seus interlocutores, seu discurso para produção e interpretação de texto é diferente.

A AD, ao compreender a mente como resultado de interação social, sempre em processo, e da existência das formações discursivas, e a da existência das formações discursivas (religiosas, política, econômica...) formando as ideologias, conjunto de ideias interligadas, que indicam o que pode e deve ser dito em um discurso, que assume um gênero (carta, bilhete, e-mail, anúncio, palestra, crônica, charge, fábula, parábola...) parece ser hoje, a teoria mais adequada à formação do leitor-cidadão, pois ele entenderá esses textos lidos, como a realidade, que ele interpreta a partir de pistas (as nuvens, o sol, o vento...).

O seu objeto primeiro é compreender o mundo (lê-lo), para viver melhor e ser feliz, acrescentando ao que entende e procura aprender espontaneamente, pela leitura de jornais, revistas, livros textos da internet, outras vozes de pessoas que já observaram a realidade e se dispõem a com ele dialogar, contribuindo para a construção pessoal de uma identidade, como sujeito de uma história, junto com a coletividade a que pertence e com a qual convive.

Passa a dialogar com os enunciadores dos textos, concordando ou não com eles, questionando-os, buscando novas explicações para sua curiosidade e interesses, conversando mais sobre esses assuntos lidos com colegas da escola, do trabalho, com os familiares, com os professores.

Desse modo, a motivação para a leitura pode ser um feedback positivo maior que a leitura escolar tradicional, isolada do mundo e da vida ao redor. Esse aspecto, que tem a ver com a função político-social da leitura na EJA, será tratado na seção seguinte.

3 A INTERVENÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE CRÍTICA DO SUJEITO, POR MEIO DA LEITURA - REVISÃO DE LITERATURA

Nesta pesquisa, a leitura é entendida como uma forma de interação social, em que conhecimentos prévios do leitor, elementos pragmáticos, contextos, ideologias, objetivos do enunciador e do leitor, influenciam na compreensão do texto e da realidade a ele correlata. A leitura que interessa neste estudo é essa que dá ao estudante um instrumento de constante atualização e um compromisso com a vida em que está inserido, desde que tenha autonomia para pensar e ter opiniões embasadas em argumentos, fatos, exemplos, dados de pesquisas.

A análise do discurso está ligada à vida, pois seu foco é o discurso, a língua fazendo sentido na sociedade. É a palavra na prática. Como diz Orlandi (2010, p.15): “Compreender a língua fazendo sentido enquanto trabalho simbólico social geral, constitutivo do homem e da sua história”.

Esse enfoque permite ver como é importante conhecer a língua, pela leitura, além da fala, para transformar a realidade em que se vive. Desse modo, percebe-se que ler tem muito a ver com a questão da participação político-social, especialmente do estudante adulto, que, de alguma forma, já está inserido no meio social e quer e pode destacar sua presença com mais autonomia.

A partir da teoria da Análise do Discurso (AD), podem-se compreender melhor as linhas de ação sugeridas por Paulo Freire (1987, p.72) em *Pedagogia do Oprimido*, em que apresenta o ser humano “como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do ser mais”.

O sujeito vai-se formando e percebendo quanto o outro é importante para a sua realização pessoal, assim como a imagem que o outro faz dele resulta importante na sua percepção de si mesmo. É o que corroboram as palavras de Freire (1987, p.73), ao tratar da educação problematizadora, como “profética e esperançosa”:

Daí que compreende a condição dos homens como seres históricos e a sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seus mais além de si mesmos - como “projetos”- como seres que caminham para frente, [...], movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o sujeito o seu objetivo.

Nessa problematização, o diálogo é essencial e será uma constante no trabalho do professor e do aluno. Essa prática de um diálogo autêntico, sincero, “mediatizado pelo mundo”, como diz Freire, não é privilégio de alguns, que negam a voz a outros, que é um processo opressivo.

O verdadeiro diálogo valoriza as pessoas que dialogam, dando-lhes a importância de seres humanos. É necessidade existencial. Por isso não pode apenas o professor falar e o aluno ouvir em silêncio. E nem haver a discussão pela discussão; as pessoas precisam estar comprometidas com o que dizem e ser coerentes, entre sua fala e sua vivência, suas atitudes. Nem dá para querer que leiam se não se é um leitor, de fato.

É por isso que Freire (1987, p.75) afirma: “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e ao ser humano”. Também é preciso confiar nos homens, para que esses diálogos não se tornem manipuladores ou paternalistas. A sala de aula precisa criar um clima de confiança, para que a cultura e a leitura, como uma prática cultural sejam construídas, com gosto, com motivação, alegrias, sem colocar um modelo ideal de homem. Assim, o trabalho em classe começa com o processo que Freire chama de libertador.

Só assim é possível atender ao objetivo de formar leitores cidadãos, com capacidade crítica ou senso crítico. Nesse aspecto, Freire (1996) aborda os pré-requisitos e atitudes para uma educação efetiva, que exige respeito aos saberes dos educandos, age sem discriminação de qualquer estilo, não compactuando com a educação como transferência de conhecimento. A escola, como um lugar social tão forte na vida das pessoas, quanto a igreja, o local de trabalho, a família, não pode isolar-se, precisa estar conectada a eles, falar a linguagem que o estudante compreenda e ajudá-lo a ir vivendo melhor, desde já, pois a escola também é vida: ali se vive e se aprende a viver.

O professor deve agir com humildade, alegria, esperança, confiança e respeito à autonomia do educando. O professor precisa preparar-se continuamente, pois sua ação é uma intervenção no mundo, e dele muito se espera, segundo Freire (1996, p.135): “Como professor não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir o tema, ao analisar um fato, ao expor minha posição em face de uma decisão governamental [...]”. E completa o pensamento, afirmando que a segurança do mestre vem de saber o que conhece e o que desconhece. E não se envergonha de não saber. Mostra que está aberto a saber, disponível, curioso. Ele também é um ser inconcluso.

Debater o que a mídia apresenta faz parte de uma educação que visa despertar o educando para ouvir com atenção, comparar, perceber quando a verdade está sendo velada em parte, ou silenciada, ou minorada, atenuada por eufemismos intencionais. Descobrir o papel da ideologia dominante na comunicação é também ensinar a ler. É necessário ler o mundo, ler os textos sobre um aspecto do mundo, para

voltar a ler o mundo, com outros olhos. Esse processo é enriquecedor e, nele, o educando pode sentir-se transformando a si mesmo, e o estudo como um investimento em sua vida, tão importante como é investir em alimentação saudável ou na prática esportiva.

Na capacidade crítica, são importantes os conceitos de sujeito histórico, de cultura como processo histórico a partir daquele conhecimento legado pelo contexto conhecido como senso comum. O conceito de professor não autoritário, mas com autoridade, com respeito por sua competência e sua mediação motivadora. E o conceito de leitor crítico, isto é, que se interroga, que quer entender. É o leitor sujeito do processo como leitor. O aluno sujeito é aquele que interage, procura saber, busca informações, pergunta, parte da realidade, questiona-a, busca textos diversos (vozes, polifonia própria dos discursos). Um jovem leitor que lê a realidade de modo questionador, que ouve, assiste à TV, vê e lê na internet, lê em livros e revistas, e percebe diferentes vozes, e busca ter um modo seu de pensar, sabe que sempre poderá reajustar seus juízos sobre os diferentes assuntos.

Não basta ler criticamente a realidade, mas é preciso ir, desde já, participando reconstrutivamente dela, começando por seu modo de ser e de atuar, essa é atuação político-social. Assim, o professor também precisa ser crítico e participativo, ser bom leitor e coerente no seu próprio modo de vida, nas atitudes e atividades solidárias. Demo (1996, p.24) afirma:

Compreender o sentido de um texto implica estabelecer relações entre texto e significado, colocar em movimento modo de entender e compreender, indagar possibilidades alternativas de compreensão, perceber e dar sentido, e assim por diante. Esta dinâmica avança ainda mais, quando se trata de saber fazer e refazer um texto passando-se de leitor a autor. Aparecendo a elaboração própria, torna-se visível o saber pensar e o aprender a aprender.

Muitas pessoas hoje leem, ouvem na escola, mas não são motivadas a comparar o fato lido com a vida concreta que as cerca, na relação social, profissional e política, na sua vida do dia a dia. Participam do senso comum, porque não acreditam no seu papel na história, de forma individual e coletiva.

Ainda Demo (1996, p.24) salienta que “pode-se considerar que é preciso elaborar, a partir da informação, posicionamentos alternativos, para que se passe da posição de informado à de informante, informativo, informador”. Pois quem lê de forma sagaz, observando as várias faces da questão, sem querer, passa a formar seu próprio posicionamento, por um trabalho mental com as informações colhidas nos diversos contextos.

Saber pensar é pré-requisito para uma cidadania capaz de modificar-se. Valoriza o percurso cultural do estudante, toma-o como parceiro no processo educativo, cria uma relação de sujeito. Acredita-se que a prática de leituras, dos diferentes gêneros e veículos (tevé, rádio, internet, livros, revistas etc.), evitando a passividade receptiva, leva o aluno a buscar o conhecimento disponível, a participar do fluxo cultural constante, a informar-se de modo permanente, argumentar e contra-argumentar, questionar e reconstruir conceitos ou visões da realidade. E isso é ter senso crítico: ter critérios e vontade de compreender o que acontece ou pode acontecer, deixando de ser levado pelo senso comum (o que todos dizem).

Assim sendo, orientar leituras e dinâmicas de estudo nos meios eletrônicos ou não, partindo da vida e do mundo, favorece o senso crítico, ou seja, o questionamento construtivo da identidade da pessoa. É claro, evitando plágio, dependência de alguns alunos em relação a outros, em trabalhos de grupos: cada um precisa preparar-se individualmente, antes de passar à interação com o pequeno ou grande grupo. É questão de ética.

O senso crítico não despreza a realidade, nem a teoria, nem a prática. Os três elementos se interpenetram e são interdependentes, para um resultado positivo. Isto é, o senso crítico é complexo, forma-

se da intersecção dos três fatores: a teoria resulta de uma prática, própria ou adquirida culturalmente; e a prática pode levar-nos a alterar a teoria. E toda a prática é aplicada à realidade, conforme a teoria que a embasa. O resultado dessa forma de interação do professor com os alunos, buscando a formação do senso crítico e da autonomia, vai conduzir as atividades de leitura em um processo estimulante e contínuo.

Conforme a realidade enfocada, os estudantes buscarão fontes para a leitura, e trarão sua posição elaborada sobre o assunto, para discutir nos grupos e reelaborar sínteses, com os quais voltará a ler o mundo que o cerca. Ele não será mais um ingênuo, cheio de certezas, de opiniões formadas, mas um ser pensante, que está aprendendo a ler e para quê ler, e, por isso mesmo, gostando de ler.

Como se percebe, a palavra “crítica”, no mundo dos estudos da pesquisa e da ciência não quer dizer ser revoltado, debatedor, mas aquele que analisa, observa, compara, e não crê imediatamente no que lhe é posto como verdade. Faz perguntas, busca entender melhor, ver como as coisas acontecem e quais afirmações lhe parecem razoáveis, embora possam vir a ser contestadas, sabe que isso é sempre possível.

Ter senso crítico poderia corresponder ao “pensar certo”, de Freire (1999), que consiste em o leitor perceber o que realmente acontece no mundo e entender melhor os textos. Desse modo, pensar certo provém de pensamentos de identificação da informação, comparação com o que conhece, estabelecimento de associações, elaboração de síntese após análise de vários fatores interferentes, como ideologia, contextos, perguntando-se sobre os porquês, cada vez mais afastados, os porquês dos porquês do assunto, extrapolando para outros contextos. A partir da experiência nessas formas de raciocínios, o estudante/leitor vai deixando de ser ingênuo, capaz apenas de leitura superficial, sem influência no seu modo de ser, de encarar o mundo e de nele interferir.

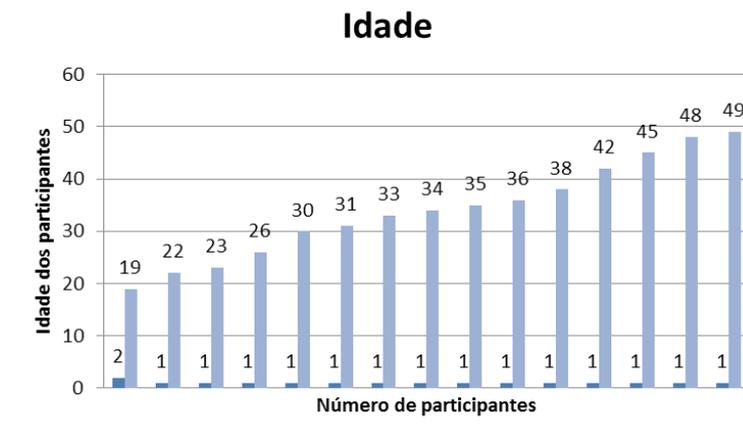
4 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO COMO DIAGNÓSTICO DA TURMA

Nesse momento, deve-se trazer o conceito de cidadania, valor ambicionado por toda a sociedade, em especial, pelos estudantes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Entende-se por cidadania o conhecimento, pela pessoa, de seus direitos e deveres, buscando entender o funcionamento político-social, as instituições a que deve recorrer, se necessário, e agir com autonomia, respeitando e sendo respeitado.

Após aplicado o questionário com os 16 estudantes presentes em aula, dos vinte matriculados, passou-se à tabulação dos resultados e montagem dos gráficos (apêndice), para melhor visualizar o perfil da turma e como poderia ser iniciado o programa de fomento à leitura, conforme planejamento estabelecido.

Quanto à idade, verificou-se que duas pessoas apenas têm menos de vinte anos; três estão acima de vinte e abaixo de 30; sete estão acima de 30 e abaixo de 40; quatro estão acima de quarenta anos de idade. Esse fator é importante para que, na escolha de textos, procure-se trazer, no começo, os que tiverem temas adequados ao interesse dessas faixas de idade, favorecendo o diálogo dos mais experientes com os menos vividos, resultando uma conversação produtiva, que conduza ao senso crítico.

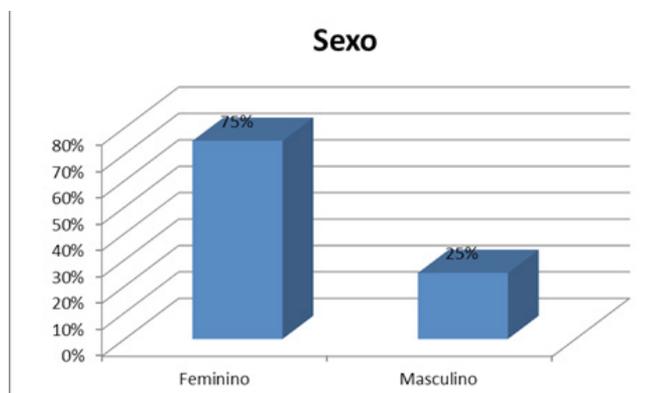
Gráfico 1 - Idade



Fonte: do autor, 2015.

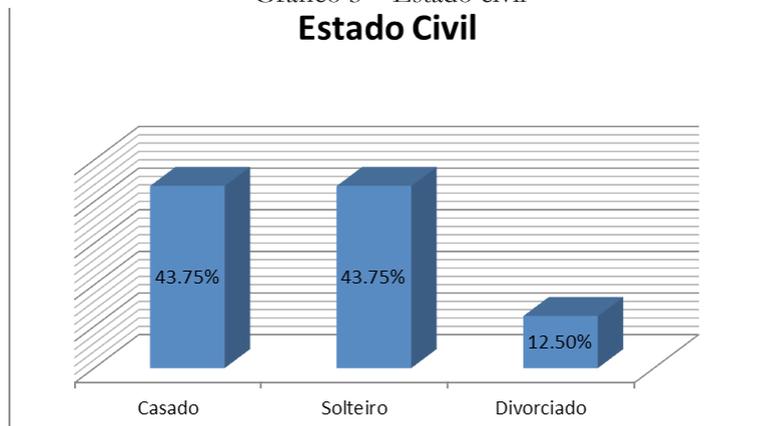
Com referência ao sexo dos estudantes em apreço, prevalece o feminino, com 75% em relação ao total. Esse fator também conduz o pesquisador a buscar textos do interesse feminino, para início dos trabalhos, e conforme sua profissão. Também serão trazidos textos ligados ao mundo masculino, em geral. E eles poderão comparar questões como salários, condições de trabalho, privilégios, se existirem, dificuldades maiores para cada gênero.

Gráfico 2 - Sexo



Quanto ao estado civil, existe um empate entre o número de solteiros e casados, e apenas dois estudantes são divorciados. Esses dados também serão enriquecedores das discussões abertas em classe a partir dos textos lidos ou na introdução a eles, conduzindo-os a refletirem sua experiência e a expressá-la de forma clara, oralmente e por escrito. Também podem ocasionar leituras busca de informações.

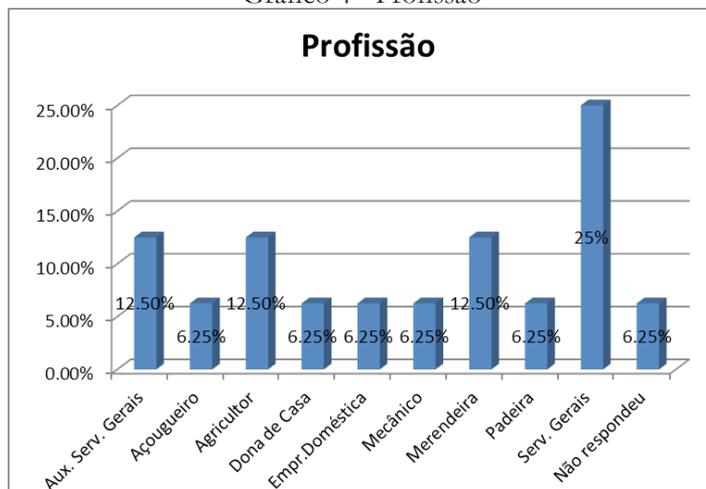
Gráfico 3 – Estado civil



Fonte: do autor, 2015.

O item das profissões demonstra que todas são pouco exigentes de nível elevado de escolaridade, bastando o Fundamental incompleto ou completo. Esse aspecto também contribuiu para que, dedicando-se a trabalhos manuais e braçais, por excelência, a pessoa não seja estimulada à leitura, em busca de maior competência e formação de pontos de vista pessoais. Mas o fato de procurarem a EJA sugere que já sentiram a possibilidade de vencerem as barreiras sociais e profissionais pelo estudo, com a quase unanimidade de respostas apontando para: busca de conhecimento, melhoria de trabalho e de salário; melhores oportunidades; emprego melhor; vida melhor. Apenas um dos indivíduos da pesquisa respondeu voltado para um valor existencial: obter respostas para a vida. Essas respostas apontam para a busca do encontro com mundo do saber como comenta Freire (1987, p.15) em entrevista com Shor: “a motivação faz parte da ação. É um momento da própria ação. Isto é, você se motiva à medida que está atuando, e não antes de atuar”.

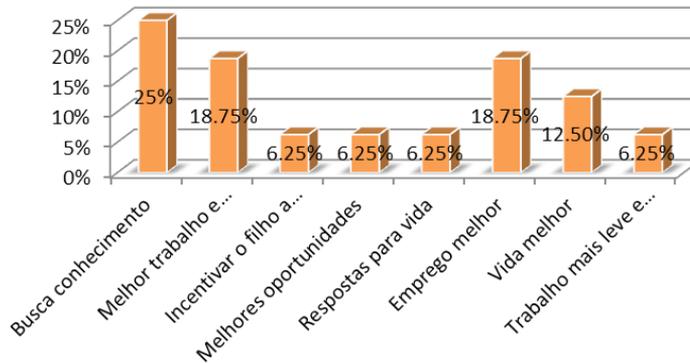
Gráfico 4 - Profissão



Fonte: do autor, 2015

Gráfico 5 – Motivo que fez voltar a estudar

2. Motivo que fez voltar a estudar



Fonte: do autor, 2015.

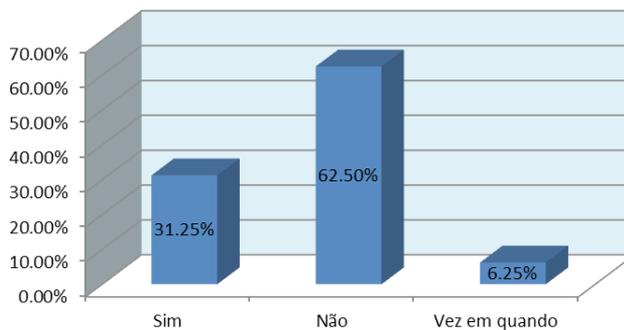
Dos indivíduos pesquisados, 62% responderam que não gostam de ler, embora tenham acesso a livros, principalmente na escola 81,25%. Esse dado pode fazer pensar que o estudante sabe que é importante ler, mas não o faz, por não ter incorporado ainda essa prática, bem como a consciência desse valor. Segundo Perissé (2011, p.10).

Cada livro é uma possível nova amizade entre autor (escondido e revelado nas páginas que compõe) e o leitor. O leitor vasculhará o livro e o livro, extensão do autor que o criou, entrará na consciência, no coração do leitor, leitor e autor rirão juntos, chorarão abraçados, compreenderão melhor o enigma do mundo (ou não, e encarar esse mistério é também crescer em humanidade!), ficarão admirados com o sempre imprevisível ser humano.

Essas observações de Perissé (2011, p.10) destacam que a prática frequente da leitura é que cativa o leitor. E é esse o objetivo desta pesquisa: encontrar um meio de cativar o leitor, que só passará a gostar de ler, quando vir que o bom livro acrescenta qualidade a seu mundo interior, a sua visão da vida e do mundo.

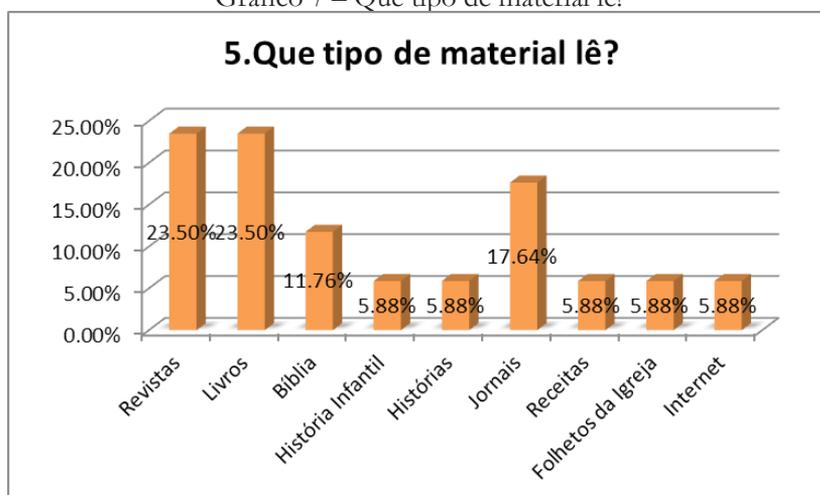
Gráfico 6 – Você gosta de ler?

3. Você gosta de ler?



Fonte: do autor, 2015.

Gráfico 7 – Que tipo de material lê?

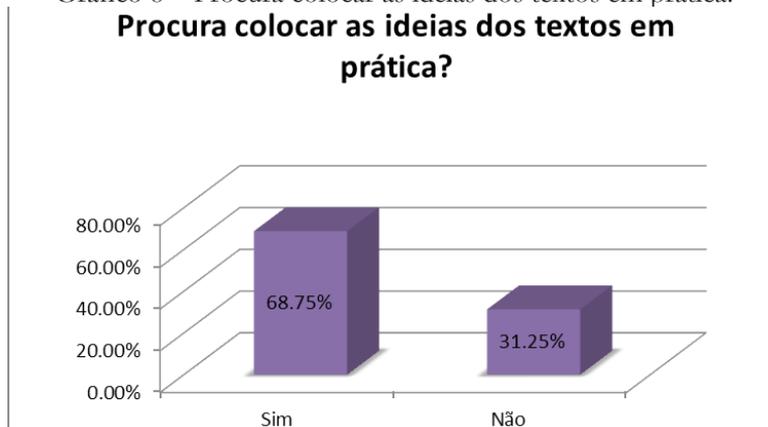


Fonte: do autor, 2015.

Com a questão 5 do questionário parece haver uma contradição e a questão estaria prejudicada, uma vez que dizem preferir ler livros e revistas e jornais e também que não gostam de ler (na questão 3). Quem não gosta de ler não tem condição de estabelecer preferência por tipo de leitura, assim, a pergunta 3, comparada à 5, resulta em difícil avaliação. Pode-se ver na questão 5 que as leituras na internet são mínimas para a modernidade, e é um campo a ser explorado com a mediação do professor. Textos curtos, com cenografia, linguagem acessível, para que essas experiências sejam agradáveis.

A pergunta: “Procura colocar as ideias dos textos lidos em prática?” leva a respostas 68,75% que demonstram quanto as pessoas do interior, de trabalho pesado, estão voltadas para a vida prática, concreta, sem metafísica, excetuando-se sua religiosidade, também pouco especulativa, mas considerada um valor. Entretanto é um ponto altamente positivo, pois quando tomarem o gosto pela leitura não serão alienados, lerão em busca de solução de problemas, ou pela descoberta de uma forma nova de lazer. Demo (1996, p.24) afirma quanto é importante que o leitor pense o que lê, busque sentido: “Aparecendo a elaboração própria, torna-se visível o saber pensar e o aprender a aprender”.

Gráfico 8 – Procura colocar as ideias dos textos em prática?



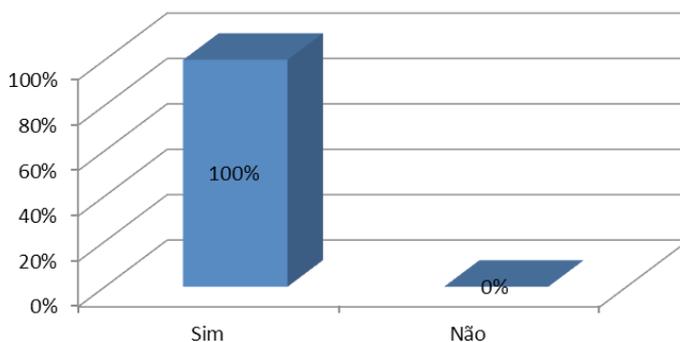
Fonte: do autor, 2015.

Os demais sujeitos da pesquisa 18,75% alegam que, nos tempos atuais, é muito difícil pôr em prática o que se lê. Nas entrelinhas percebe-se que partem do senso comum, de que o país está com problemas diversos, contra os quais seria inútil lutar. Têm uma leitura pessimista da situação do mundo, inclusive do Brasil. Aqui, a partir do diálogo, pode-se reverter essa mentalidade, revelando que o país está como ele percebe, justamente por falta de participação mais ativa de um povo que conhece seus direitos e seus deveres e exerce sua cidadania como se lê em Freire (1987, p.72), quando apresenta o ser humano “como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do ser mais”.

Na questão número 7, em que 100% dos sujeitos afirmaram procurar no dicionário as palavras desconhecidas, mais uma vez pode-se perceber que ninguém menciona a busca na internet, comprovando que não têm acesso fácil aos meio eletrônicos. Stevenson (1887), citado por Alves (2009), refere-se “ao autêntico leitor como aquele capaz de desvendar os segredos das palavras, enquanto os falsos leitores se manteriam surdos aos seus apelos secretos”. Embora haja laboratório de informática e biblioteca na escola, por questão de horário, em que apenas o professor e a turma estão presentes, esses ambientes, em geral, encontram-se fechados para a turma da EJA, que deve logo reivindicá-los. E deduz-se que a maioria tenha um dicionário físico, em casa, como é o costume haver nas comunidades do interior, onde dicionários, bíblia, algumas coleções vendidas por representantes de livreiros, revelam algum apreço à cultura.

Gráfico 9 – Quando encontra uma palavra desconhecida procurar no dicionário ou pergunta para alguém?

7. Quando encontra uma palavra desconhecida procura no dicionário ou pergunta para alguém?



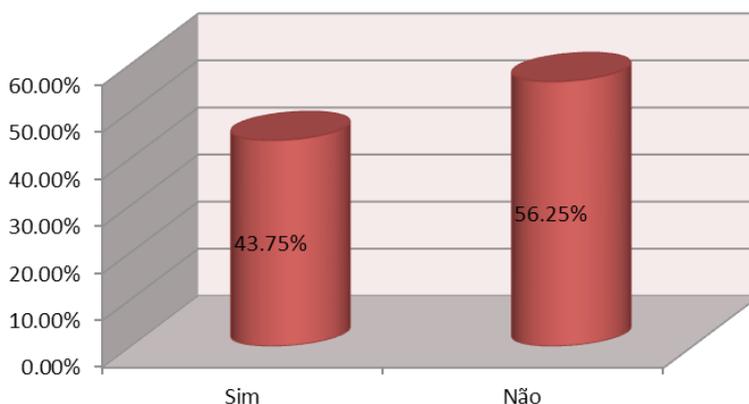
Fonte: do autor, 2015.

A questão número 8 “Você se considera um leitor crítico?” não foi bem compreendida, porque associaram-na à colocação em prática daquilo que leem, 43,75%. Os demais responderam que não. Desse 56,25 % que disseram não se considerarem leitores críticos, coerentemente, 50% não responderam à questão: “Exemplos de leituras que têm mudado a sua vida”. Os demais tomaram senso crítico no sentido mais superficial, de não serem alienados quanto à vida em família, educação dos filhos, religião, saúde, alimentação, economia, pontos valorizados como formadores de pessoas honradas. Também é um bom princípio para conversação e início das leituras apresentadas e organização de trabalhos em equipes. Assim cabe muito bem o papel do professor como mediador, motivador, mostrando aos alunos como é possível, em todos os eixos da sociedade, fazer uma leitura com criticidade. Freire (1996, p.135)

dá ênfase a esse pensamento, quando diz: “Como professor não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir o tema, ao analisar um fato, ao expor minha posição em face de uma decisão governamental”.

Gráfico 10 – Você se considera um leitor crítico?

8. Você se considera um leitor crítico?



Fonte: do autor, 2015.

Como dizem Paulo Freire (1987) e Vygotsky (2000), todas essas informações são formas de inputs favoráveis ao trabalho do professor. E, conforme os resultados das interações forem surgindo, novas propostas de leitura serão mais bem aceitas, começando-se pela experiência feliz da leitura bem-sucedida, com um mediador que não tenha pressa em dar respostas, sem que o sujeito tenha percorrido o trajeto para ele mesmo saboreá-la.

5 FOMENTO DA LEITURA NA EJA

Combinando com as proposições de Freire (1987; 1996) e as de Orlandi (2010), já existem experiências bem sucedidas, referindo-se à leitura e à escrita e à ligação da escola às situações vividas. Uma delas é de João Wanderley Geraldi (1991), em *Portos de Passagem*, que sugere estratégias para a produção oral e escrita, em Língua Portuguesa. Em resumo, as etapas propostas por ele são:

Um aluno narra um fato marcante de sua vida; os colegas fazem perguntas a ele, para entenderem melhor o que foi contado; a seguir, os alunos com a supervisão do professor listam aspectos que se relacionam àqueles fatos. Nas aulas seguintes, estudam os textos trazidos, discutem-nos e apresentam seus comentários em forma de painéis. Depois cada aluno escreve um texto sobre o aspecto pelo qual mais se interessou e troca com os colegas, para que adicionem suas avaliações. Se algum assunto trazido chamar especial atenção, são promovidas palestras, entrevistas, visitas técnica. E, para finalizar a sequência, que se prolonga por uns quinze dias, há uma culminância comum: jornal mural, músicas cartazes, conforme interesse da classe.

Foucambert (1994) corrobora a proposta de leitura apresentada por Geraldi. O estudioso, na obra “*A Leitura em Questão*” chama a atenção para um fato muito importante - que a leitura precisa vir de uma expectativa social diferente quanto à importância do letramento, a começar pela família, igreja, associação de moradores, indústria, comércio, e assim por diante. Foucambert (1994, p. 115) alerta que a leitura não é assunto apenas escolar, “é um desafio capital em qualquer processo de democratização

da vida política, sindical, cultural, econômica, de tomada individual do poder sobre seu destino: numa palavra, em qualquer desejo de promoção coletiva”.

Este pesquisador propõe que professor e aluno, mergulhados na realidade, procurem estudar gêneros textuais diversos, analisando sua peculiaridade e buscando compreensão. Leituras de charadas, charges, tiras, letras de música, poemas, crônicas, infográficos, fotografias, programas de tevê, notícias de jornais, despertando simultaneamente, o gosto por pensar e por ler para ser.

Outra prática que pode auxiliar no gosto pela pesquisa e pela leitura da realidade é apresentada por Lucrécia D’Aléssio Ferrara, em *Leitura sem Palavras* (1986). Nela, fazendo o recorte de lugar, por exemplo, uma praça, ou de uma instituição, uma loja, fazer a leitura (análise) do que ali acontece. A partir desse ponto, fazer pesquisas e entrevistas para conhecer o passado daquele local, e como ele se transformou até chegar a ser como é.

Cabe ao professor, mediador de estudos, a partir de leituras, propor questões que levem o estudante a descobrir inferências, subentendidos, escalaridade (graus de abrangência de termos em hierarquia), analogias, argumentações, pressuposições, intertextualidades, figuras e imagens, proporcionando habilidades necessárias à compreensão, à boa leitura, à interpretação e aos estudos.

Proporcionar estratégias para ler piada, textos com pressupostos, com escalaridade, com charges, com ironia. O estudo de piadas sob o ponto de vista da linguística, procurando descobrir como elas funcionam, e como são interpretadas, para causar o humor, ensina o leitor a ficar mais atento ao que lê, e a perceber os poderes da língua no seu contexto. Um estudo sob esse ângulo encontra-se em Possenti (1998).

Há muitas experiências, atualmente, para formar leitores. O jornal *Mundo Jovem*, em 2014, publicou uma coletânea de artigos anteriormente publicados nesse periódico, sobre *Leitura*, dividida em seis capítulos, em que o quarto intitula-se *Práticas “carregadas de futuro”*. São relatos de pesquisadores, que integram sugestões para este assunto: fomento da leitura com os estudantes EJA.

Vamos sintetizar alguma dessas experiências, que podem ser replicadas, ou adaptadas ao contexto de cada escola e turma, algumas bastante adequadas à educação da EJA.

Um pesquisador registra sua própria experiência, que o levou a gostar tanto de ler, a ponto de ser escritor, poeta, teólogo. Ressalta que “ouvir, ler e escrever” é importante, para, com a mediação do professor que lê em voz alta e faz alguns comentários, ir criando o apreço pela palavra, pelo ritmo, pelas possibilidades da língua. Pensa que “lendo alto e conversando com a turma, o professor mostra de onde vem o encanto do texto” (TREVISAN, 2014, p.95-6).

A experiência, “O desafio de mediar”, conceitua mediar como: aproximar o leitor da leitura. Essa mediação inclui o professor, o estudante e um espaço atraente, uso de tecnologia, escolha de obras de acordo com os interesses e conhecimentos do leitor. Todas essas ações são mediadoras. Os responsáveis pela mediação devem ocupar-se com o acesso aos textos, com o aspecto estético do local e do material, e, em primeiro lugar, com a interação. Com criança é mais fácil, mas no caso do leitor jovem ou adulto, é preciso empolgá-lo com temas como culinária, jardim, arquitetura, usando, naturalmente a internet, se possível (MILAGRES; ANDRADE, 2014, p.100-1). Essas propostas estão bem próximas daquilo a que se propõe esta pesquisa.

Barcelos (2014, p.102), poetisa e organizadora de saraus no Rio Grande do Sul, mostra a importância desses encontros culturais. Diz ela: “É um jeito de casar cultura e arte”, o que poderia ser empregado com culminância de atividades.

Nesse contexto, em que se quer enfatizar diferentes formas de estimular a leitura, de forma organizada e consistente, A Gazeta do Povo (Curitiba) criou o projeto *Ler e Pensar*, que hoje é coordenado pelo Instituto RPC. Esse projeto incentiva a leitura de jornais, visando à formação do leitor e da

cidadania. O livro “Leitura: o mundo além das palavras”, organizado por Borges; Assagra e Alta (2010), traz pesquisas sobre o tema da leitura e formação do gosto do leitor, e experiências a partir de textos de jornais, incluindo depoimentos de estudantes.

Acredita-se que começar pela leitura de textos de jornais agradaria bastante aos estudantes EJA, que se veem como adultos, inseridos na luta pela vida, e que precisam estar inteirados dos fatos, entendê-los melhor.

Após essa síntese de experiências realizadas, pode-se sugerir um trabalho por Oficinas de Leitura, que poderiam ocorrer a cada semana com um professor de disciplina diferente, mas metodologias e estratégias semelhantes. Conhecendo os estudantes, levar diferentes tipos de textos, que tivessem algo em comum, por exemplo: um texto de jornal, um poema e uma crônica, cujo tema permitisse diálogo, comentários, e produção escrita, artística ou não.

Os professores buscariam textos, a princípio, que levassem os estudantes a perceber fatos linguísticos, como a pressuposição, a presença de uma ideologia, os trocadilhos, as figuras de linguagem, como metáforas e alegorias, a percepção da transferência de conteúdos em provérbios, piadas, fábulas, parábolas e poemas. A leitura de textos que sirvam de suporte à interpretação de charges; à percepção dos jogos de palavras ou de ideologias e ambiguidades criadas nas tirinhas, que unem o texto verbal e o não verbal. O professor mediador arranja o ambiente, promove a existência dos textos, fica atento ao que os alunos dizem, para ir aproximando-os da leitura possível, da descoberta dos recursos semânticos e das diferentes maneiras de expressão de um mesmo assunto ou ponto de vista. É um trabalho gradativo, começando por textos mais simples e, aos poucos, chegando aos que exigem mais domínio de elementos usados no discurso, portanto mais complexos.

No caso da leitura de tiras, com os balões e as imagens, levá-los a descobrir como o texto verbal e o não verbal se completam para a leitura conveniente. Perceber como palavras parecidas, ou uma mudança de contexto, levou a que a tira fosse interessante. Os poemas são também importantes oportunidades para diálogo e reflexão, além de permitir a descoberta de novas formas do dizer, mais estéticas e sonoras e figurativizadas, criando imagens que provocam o leitor. Em suma, ler, conversar, extrapolar conhecimentos, escrever sobre o que leu, em um ambiente agradável, pode formar efetivos leitores e cidadãos críticos no melhor sentido, daqueles que sabem perceber os vários ângulos da realidade e tomar sua posição. Esse é o objetivo da leitura na EJA, formar o cidadão capaz de dirigir sua vida por si mesmo.

O professor que pratica a leitura e tem senso crítico fará tais atividades e criará outras, com tanto gosto, que levará o aluno a querer também sentir essa capacidade e tal motivação. As atividades exigem perseverança, no decorrer de todo o curso, para chegar a apresentar algum resultado observável e para instalar-se na vida do estudante, para o resto de sua vida.

As questões propostas vão do meio fácil ao mais complexo e, sem perceber, o desafio levará o estudante a sentir quanto ele tem crescido social e politicamente, graças a essas práticas de leitura que o acompanharão depois que o curso acabe.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, balizado em especialistas em educação, especialmente, em Freire (1987), Demo (1996), Perissé (2011), conduziu este pesquisador a perceber a suma importância da prática da leitura, durante a formação na EJA, quando o estudante está apto a compreender-se como sujeito, como cidadão e ao mundo de que faz parte, se possuir uma competência de leitor crítico, e a certeza de que essa prática é o melhor legado que a escola lhe pode oferecer. É o instrumento para continuar a aperfeiçoar-se de forma autônoma e autodidata.

Embora a duração dos cursos EJA seja restrita, se todos os professores estiverem coesos em relação a essa prática, independentemente da disciplina; se a coordenação pedagógica e demais funcionários da escola favorecerem a criação de um ambiente agradável, na biblioteca e no laboratório de informática; se as classes contarem com espaço para dinâmicas, como debates, entrevistas e palestras, etc.; basta um professor responsável, que atinja, pelo diálogo tranquilo, o coração e a mente do aluno, acolhendo com alegria cada etapa de sua evolução.

Em suma, é preciso: *Observar a realidade e partir daí seguir as propostas de leitura: *Usar dinâmicas e textos que levem a refletir, gradualmente, do mais fácil ao mais complexo; *Passar confiança aos educandos, preparando-se bem e sendo coerente entre o que fala e o que faz; *Perseverar nessas práticas, não empregá-las apenas como propostas passageiras; *Promover atividades que envolvam mais professores no programa. Não havendo recursos, buscá-los onde houver, porque para encantar o leitor, que não tem essa motivação desde o berço, os esforços precisam ser de maior amplitude.

Entre as diversas modalidades pedagógicas comentadas, fica a proposta de que o próprio pesquisador, com apoio dos demais, coloque em prática essa metodologia apontada, com essa turma em que se iniciaram os estudos com questionário e sua análise. Espera-se, dessa forma, validar um trabalho de pesquisa teórica tão importante na vida estudantil.

7 REFERÊNCIAS

ALVES, M-A. Outros modos de ler: a escola, a leitura e o leitor. In: Ministério da Cultura. **Cursos da Casa da Leitura 3**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009. p.24 a 35.

BARCELOS, L. Saraus culturais: uma festa para a arte. In: **Leitura**: coletânea de artigos publicados no Jornal Mundo Jovem/org. Jornal Mundo jovem. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Cap.4, p.102.

BORGES, A. G.; ASSAGRA. A. G.; ALDA, C. G. L. **Leitura**: o mundo além das palavras. Curitiba: Instituto RPC, 2010.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas/SP: Autores Associados, 1996.

FERRARA, L. D. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 1986.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 37.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Saberes Necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; SHOR, I. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 12.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1987.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2000.

MILAGRES, A. S.; ANDRADE, C. C. **O desafio de mediar**. In: **Leitura**: Coletânea de artigos publicados no Jornal Mundo Jovem/org. Jornal Mundo jovem. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Cap.4, p.100-101.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípio e procedimento. Campinas/SP: Pontes Editores, 2010.

PERISSÉ, G. **Ler, pensar e escrever**. São Paulo: Saraiva, 2011.

POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análise linguística de piadas. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998.

MUNDO JOVEM. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Cap. 4, p. 97-99.

TREVISAN, A. **Ouvir, ler e escrever**. In: **Leitura**: Coletânea de artigos publicados no Jornal Mundo Jovem/ org. Jornal Mundo Jovem. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Cap. 4, p. 95-96.

VYGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
